

Duque Valentino: *O Príncipe* ou um príncipe de Maquiavel?

Eduardo João Moro

Doutorando em Sociologia Política na Universidade Federal de Santa Catarina.
e-mail: edumoro_dido@hotmail.com

Resumo: Embora autor de mais de 20 obras, Nicolau Maquiavel tornou-se conhecido até os dias de hoje, sobretudo, por meio de duas delas: *O Príncipe* e *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. Existem inúmeras teorias que buscam interpretar tais obras, sendo espantoso o desacordo sobre o significado de termos e teses acerca delas. Um destes desacordos refere-se ao papel de Cesare Borgia - filho do papa Alexandre VI - na vida e na obra de Maquiavel. Nesse contexto, busca-se analisar essa relação por meio de um resgate da biografia do autor - destacando o período que compreende os anos de 1498 - quando Nicolau se torna secretário da Segunda Chancelaria - até 1507, quando morre Cesare Borgia, bem como através de alguns dos principais conceitos presentes em *O Príncipe* - como o uso das armas, a noção de *Virtu* e Fortuna, e a discussão sobre o príncipe ser amado ou temido.

Palavras Chave: 1. Nicolau Maquiavel. 2. Cesare Borgia. 3. *O Príncipe*

Introdução

No dia 3 de maio de 1469 nasceu Nicolau Maquiavel, na cidade-estado de Florença. Embora autor de mais 20 obras, entre análises políticas e militares, poemas e peças, foi entre 1513 e 1518 que Maquiavel escreveu duas obras que o tornaram conhecido até os dias hoje: *O Príncipe* (1513-4) e os *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* (1513-8) (WHITE, 2007). Dentre as duas obras, *O Príncipe* ganhou maior notoriedade, sendo considerado o segundo livro mais lido por um período de tempo mais longo no mundo ocidental, perdendo apenas para a Bíblia. Segundo Berlin (2002, p. 299), existem mais de vinte teorias que buscam interpretar tais livros, sendo espantoso o desacordo sobre o significado de termos e teses. Apenas como ilustração, pode-se citar a ideia de Spinoza, que considera a obra *O Príncipe* um aviso aos homens acerca das possíveis ações de um tirano. Em relação a Maquiavel, Prezzolin e Hayd consideram-no um anticristão, sendo sua obra um ataque à Igreja e aos seus princípios, enquanto Toffanin, ao contrário, julga-o como um cristão um tanto peculiar. Dentro dessa gama de interpretações, é possível ainda encontrar Maquiavel como um humanista angustiado; um técnico frio, sem compromisso ético ou político; um humanista amante da paz, da ordem e da estabilidade; chegando a um apaixonado beirando o irreal (BERLIN, 2002, p. 301-302).

Parece claro que adentrar em qualquer discussão que envolva Maquiavel não é uma tarefa fácil, pois inevitavelmente incorre-se em contrariar importantes estudos sobre sua trajetória realizados por historiadores e demais autores. Ciente disso e guiado pelo fascínio exercido por Maquiavel, busca-se no presente artigo aventar acerca da controversa relação estabelecida entre ele e a figura de Cesare Borgia. Controversa,

pois, segundo Algarotti (1759) e Alfieri (1786), o filho do papa Alexandre seria, para Nicolau, o homem que, se tivesse vivido, poderia ter libertado a Itália, enquanto Mattingly acreditava estar claro para o autor florentino que Cesare era “(...) incompetente, um charlatão, um fracasso miserável” (BERLIN, 2002, p. 302). Para realizar tal discussão buscou-se conhecer a história de Maquiavel através da biografia de Maurizio Viroli, intitulada *O sorriso de Nicolau*, e da de Michael White, de nome *Maquiavel: um homem incompreendido*, destacando, sobretudo, o período entre 1498 – quando Nicolau se torna secretário da Segunda Chancelaria – até 1507, quando morre Cesare Borgia. Por fim, visando complementar a análise que se propõe, são resgatadas algumas ideias e conceitos presentes em *O Príncipe* – como o uso das armas, a noção de *Virtu* e *Fortuna*, e a discussão sobre o príncipe ser amado ou temido – debatidas a partir das obras de Isaiah Berlin (2002) e Quentin Skinner (1988) - e que contribuíram para a construção da imagem de Maquiavel ligada a um mero “conselheiro de tiranos”.

1. Contextualizando Florença antes de Maquiavel

Nicolau Maquiavel se tornou secretário da Segunda Chancelaria de Florença em 1498, alguns dias após a morte do frade Girolamo Savonarola (quatro dias, segundo White [2007, p. 56] e cinco, conforme aponta Viroli [2002, p. 33]). Outra questão em desacordo refere-se ao papel desempenhado por Savonarola na política florentina. White afirma que o frade se tornou chefe de Estado após retornar de uma missão cujo objetivo de estabelecer trégua com Carlos VIII foi alcançado. Viroli (2002, p. 33), em contrapartida, não cita tal fato, destacando “somente” a influência direta do frade na reorganização do governo florentino, sobretudo na instituição do Conselho Maior ou Grande Conselho em 22 ou 23 de dezembro de 1494, que representava o “coração da nova república”. Savonarola, como crítico da corrupção presente na Igreja e no governo de Lourenço, “(...) foi o pai espiritual e político da República florentina (...)”, sendo esta “(...) sua última vitória” (2002, p. 44). Viroli acrescenta ainda que a República que o frade ajudou a criar não o defendeu do ódio da Cúria Romana, que o interrogou, torturou e posteriormente o condenou ao enforcamento na manhã de 24 de maio.

Antes de avançar, vale resgatar alguns episódios precedentes para compreender como se deu a passagem do governo dos Médici para a República. O frade Savonarola ascendeu politicamente após um longo período de dominação da família Médici, iniciada com Giovanni di Bicci de Médici, fundador de um banco especializado em empréstimos à Igreja que tornou a família rica e poderosa ainda no século XIV (WHITE, 2007, p. 45). Dali em diante, apesar de a família sempre manter-se no poder, herdeiros oscilaram bons e maus governos. Na primeira categoria destacam-se Cosimo – filho de Giovanni – que aumentou a riqueza da família e patrocinou artistas, escritores, músicos e viagens pela Europa em busca de antigos manuscritos (WHITE, 2007, p. 46); e Lourenço de Médici – neto de Cosimo – que, apesar de possuir apenas 20 anos de idade quando assumiu o controle dos negócios da família, revelou-se um grande governante e também um admirado patrono das artes (2007, p. 49). Quanto aos maus governantes, destacam-se o filho de Cosimo e o filho de Lorenzo, ambos de nome Piero. O primeiro, devido à sua incompetência, acelerou a entrada de Lorenzo na vida política, enquanto o segundo, devido à morte do pai, meses após assumir o poder, foi obrigado a encontrar-se com Carlos VIII – rei da França – que ameaçava atacar a cidade. No encontro, o inexperiente Piero aceitou todas as exigências do rei, causando a ira dos cidadãos que promoveram seu exílio (juntamente com seus irmãos Giovanni e Giuliano) na mesma noite que retornou do encontro (2007, p. 55).

Levando em conta as palavras contidas na biografia de White (2007, p. 56), em 1494, Savonarola assumiu o poder, pondo fim a um longo período de dominação de governantes da família Médici (que só retornaria em 1512 com ao apoio do exército espanhol). O autor acrescenta ainda que o frade governou Florença por quatro anos. Nesse período, promoveu a sanção de queimas de livros e autorizou a prisão de artistas e

escritores. Além disso, posicionou-se contra as famílias ricas da cidade e contra o papa Alexandre VI, isolando-se no poder. O resultado de tais ações foi sua queda em 1498 (WHITE, 2007, p. 55-61). Com a morte de Savonarola surgiu um novo governo, que, nas palavras de White, consistia “(n)uma próspera e fresca República”, surgindo “(...) muitos novos rostos nesse governo, homens que haviam ascendidos imaculados pelas fileiras políticas de Savonarola, assim como novas estrelas brilhantes no firmamento político, que aparentemente haviam surgido do nada”, dentre eles, Nicolau Maquiavel (2007, p. 62).

2. O surgimento de Nicolau Maquiavel no cenário político

No mesmo ano que se instaura a República em Florença, Nicolau Maquiavel assume o cargo na Segunda Chancelaria. Esta, em teoria, se responsabilizava por assuntos internos e pela burocracia doméstica, apesar de se sobrepor às funções da Primeira Chancelaria, responsável por assuntos externos e de guerra. Após um mês no novo cargo, Nicolau é indicado como secretário dos “Dez da Guerra” (WHITE, 2007, p. 65), ou “Conselho dos Dez da Liberdade e Paz”, nas palavras de Viroli (2002, p. 50). Apesar da diferença de termos, ambos afirmam tratar-se de um comitê governamental responsável por assuntos externos, ligados à diplomacia e às campanhas militares. Viroli afirma que Maquiavel era um “jovem desconhecido, inexperiente na política, que não era tabelião nem doutor em leis, nem tinha se destacado por méritos literários especiais” (2002, p. 49), afirmação esta que deixa em aberto o motivo da ascensão do jovem. White (2007, p. 29), em contrapartida, busca explicá-lo por meio de sua participação na Confraria de San Girolamo sulla Costa (composta por cerca de 140 homens de negócio, dentre eles seu pai Bernardo), onde certamente conheceu figuras importantes da época. Além disso, segundo o mesmo autor, foi lá que Maquiavel teve contato com membros da família Médici por volta do ano de 1492¹ (WHITE, 2007, p. 67).

Vale resgatar as primeiras viagens de Nicolau como novo emissário florentino em seu novo cargo. Sua primeira missão se deu em 1499, quando fora ao encontro do comandante Jacopo IV d’Appiano, senhor de Piombino (VIROLI, 2002, p. 53). Logo em sua primeira viagem, Maquiavel obteve êxito ao convencer o militar que a República não dispunha de recursos e homens conforme exigido, colocando fim num início de conflito entre as partes (WHITE, 2007, p. 71-72). Na segunda missão, o emissário foi ao encontro de Caterina Sforza Riario, condessa de Ímola e Forlì. Maquiavel viajou com o intuito de negociar a redução do salário do filho de Caterina, Ottaviano, possuidor de um exército que lutara muitas vezes ao lado de Florença. Viúva de Girolamo Riario² e comandando sozinho seu reino havia 12 anos, a condessa se encontrava em uma situação difícil, pois ao mesmo tempo que não concordava com a proposta florentina, precisava do apoio destes. Apesar da insistência de Maquiavel em manter o acordo inicial junto aos seus, o governo florentino não cedeu, resultando na perda do apoio do exército de Ottaviano por parte de Florença e na perda do apoio de Florença por parte da condessa (2007, p. 72-74). O desfecho de tal negociação foi fatal para Caterina, tendo em vista que seis meses mais tarde seu pequeno reino foi conquistado pelos exércitos de Cesare Borgia. Durante o combate, Caterina recusou a oferta de rendição e se refugiou na fortaleza da cidade com todos os soldados que pôde. Cesare Borgia tomou a fortaleza e prendeu a condessa em seus aposentos por duas semanas, enviando-a posterior-

¹ Maquiavel compôs três poemas que foram incluídos em um livro que continha também poemas de Lorenzo de Médici. Um dos poemas de Nicolau foi dedicado ao adolescente Giuliano de Médici, indicando que ambos possivelmente se conheciam (WHITE, 2007, p. 67).

² Em 1478 Lorenzo de Médici sofreu um atentado arquitetado por Girolamo Riario, sobrinho do papa Sisto. O atentado falhou, matando Giuliano de Médici, irmão mais novo. Os conspiradores, incluindo Riario, foram presos e executados (WHITE, 2007, p. 51-53).

mente ao castelo de Sant'Angelo, em Roma. Lá o papa a manteve presa por mais um ano, soltando-a após ter renunciando a seus direitos sobre as cidades (2002, p. 56).

3. A guerra contra Pisa e os exércitos mercenários

No ano seguinte Maquiavel se dedicou quase inteiramente ao conflito envolvendo Florença e Pisa. Embora ambos os autores afirmem que a cidade foi perdida graças à interferência de Carlos VIII e suas tropas, White (2007, p. 61) coloca que tal fato se deu no governo de Savonarola, enquanto Viroli (2002, p. 59) versa ter sido perdida quando Piero de Médici mantinha-se no poder. Independentemente disso, a perda de Pisa desencadeou uma série de confrontos envolvendo as duas cidades. Inicialmente, sob o comando de Paolo Vitelli e com um exército mercenário, Florença acabou sendo derrotada após estar muito próxima de recuperar a cidade. Para Viroli (2002, p. 61), o primeiro ataque aos muros da cidade abriu a clara possibilidade da conquista, mas surpreendentemente o comandante das tropas hesitou, dando tempo para a recuperação dos pisanos e permitindo suas tropas serem dizimadas pela malária. Tais atitudes de Vitelli irritaram profundamente os florentinos, que o condenaram à morte no primeiro dia do mês de outubro de 1499.

Antes de prosseguir, vale recuperar o que Maquiavel coloca no capítulo XI do livro *O Príncipe*. Para ele, “as fundações principais para todos os Estados, sejam novos, velhos ou mistos, são as boas leis e um bom exército” (1996, p. 73). Acrescenta ainda que “não pode haver boas leis onde não há um bom exército, e onde haja um bom exército é conveniente que haja boas leis (...)” (1996, p. 73). Logo a seguir, Maquiavel subdivide as milícias em “próprias” ou “mercenárias”, “auxiliares” ou “mistas”, e acrescenta que as mercenárias e auxiliares são inúteis e perigosas. A justificativa para isso está na ideia de que tais tropas não têm outro motivo para lutar a não ser o soldo, ensejo insuficiente para entregarem suas vidas. Seguindo em sua obra, Maquiavel também versa acerca dos capitães mercenários, que, sendo bons irão aspirar a sua própria grandeza, e sendo ruins levarão à ruína o exército que comandam. Finaliza citando como exemplo a batalha descrita acima, afirmando que quanto a Vitelli, “se houvesse expurgado Pisa, ninguém pode negar que aos florentinos teria sido conveniente mantê-lo consigo, pois, se passasse para o inimigo, não teria salvação. Porém, se o mantivessem consigo, teriam de obedecê-lo” (1996, p. 77). Segundo Skinner (1988, p. 54), a maioria dos historiadores concluiu que o sistema mercenário, de maneira geral, funcionou de forma bastante eficaz, sendo no mínimo estranha a veemência com que Maquiavel afirma que “um príncipe sábio prefere perder com as suas (milícias) a vencer com a dos outros” (1996, p. 82). Na opinião de Skinner, “talvez ele (Maquiavel) estivesse pensando particularmente nas desgraças de sua cidade nas mãos de seus comandantes mercenários durante a prolongada guerra contra Pisa” (1988, p. 55). Para o autor, Maquiavel ficou chocado com o escárnio com o qual os franceses olhavam para Florença, justamente por serem incompetentes militarmente e incapazes de submeter Pisa a seu controle após a nova derrota em 1500 (1988, p. 55).

Essa derrota a qual Skinner se refere teve início com um acordo firmado com a França. Contrariando Maquiavel, o governo florentino decidiu dar continuidade na campanha, desta vez contratando soldados junto ao rei da França. White e Viroli concordam que a quantia paga foi de cinco mil escudos de ouro, embora o primeiro afirme que foram contratados cinco mil soldados suíços e outros cinco mil franceses (2007, p. 77), e o segundo cinco mil soldados suíços e outros dez mil franceses (2002, p. 62). De qualquer maneira, as tropas reunidas em Piacenza saquearam Bolonha e outras cidades e atacaram o marquês Alberigo, aliado de Florença. Nas palavras de Viroli (2002, p. 62), “ao chegarem ao território pisano, essas hordas puseram-se a saquear os campos e com muita má vontade deram uns poucos tiros de canhão contra os muros da cidade. Enfim, para coroar uma empresa tão gloriosa, os suíços e os gascões se amotinaram, denunciando a escassa quantidade e qualidade de vinho e dos víveres fornecidos pelos

Florentinos”. Acerca do mesmo acontecimento, White ressalta que “Maquiavel fez várias viagens³ a Pisa durante o inverno de 1499 e a primavera de 1500, e estava lá no momento mais crítico, quando os mercenários suíços se amotinaram, em julho daquele ano” (2007, p. 77).

Poucos dias após o novo fracasso em Pisa, Maquiavel foi enviado à corte do rei Luiz XII, em companhia de Francesco della Casa⁴, com intuito de “resgatar algo tangível em troca do dinheiro que haviam gastado” (WHITE, 2007, p. 79). Nicolau tinha acompanhado de perto os acontecimentos no campo de batalha e era a pessoa mais indicada para defender a tese de que a responsabilidade cabia aos franceses, especialmente ao comandante Hugo Beaumont, incapaz de disciplinar seu exército (VIROLI, 2002, p. 63). Com o passar dos dias, porém, o rei Luiz XII deixou claro aos emissários que considerava Florença um estado de terceira categoria – e este provavelmente é o fato a que se refere Skinner no trecho acima (ver SKINNER, 1988, p. 55). Além de ter sua integridade física ameaçada devido à demora das respostas do governo florentino, Maquiavel mantinha-se na corte com pouquíssimos fundos, sendo obrigado a usar de seus próprios. Além disso, ocupava-se em formular uma estratégia a fim de recuperar o dinheiro junto à França sem desestabilizar a relação com o país, pois havia ainda a ameaça do filho do papa Alexandre XII⁵, o “psicopata” Cesare Borgia⁶ (que recebeu o título de duque Valentino em 1498) (WHITE, 2007, p. 80).

Quando a missão na França encontrava-se no pior momento, o duque Valentino aproximou suas tropas perigosamente de Florença. Temendo um ataque, o governo florentino optou por assegurar os fundos para pagar as tropas enviadas pelos franceses em troca da proteção contra o duque. Após sete meses⁷ na corte do rei Luiz, Maquiavel retornou trazendo consigo cópias de uma carta assinada pelo rei dando garantia de proteção (2007, p. 84-85).

4. A Fortuna ao lado de Cesare Borgia

Skinner (1988) apresenta a ideia de Fortuna sob dois prismas. Inicialmente a visão clássica, na qual historiadores e moralistas romanos tinham como premissa básica temer a deusa Fortuna. Através de Tito Lívio obtém-se a ideia geral de seu tempo: aquele que dependesse da Fortuna estaria sujeito à queda “do modo mais terrível”, o que quase certamente ocorreria no final (SKINNER, 1988, p. 45). Apesar de temê-la, os romanos não a viam como uma força maligna, mas, ao contrário, como uma boa deusa, cuja atenção valia tentar conquistar devido aos bens que oferecia. Tais bens foram descritos de inúmeras formas: Sêneca, por exemplo, fez referência à honra, riqueza e po-

³ Em meio a uma destas viagens morreu Bernardo, seu pai. Não tendo tempo para organizar o enterro, Maquiavel deixou tal encargo (além do controle dos negócios da família) ao seu irmão mais jovem Totto (WHITE, 2007, p. 81).

⁴ Que adoeceu e viajou para Paris em 14 de setembro, deixando Maquiavel sozinho na missão.

⁵ Para White (2007, p. 94), “O papa Alexandre entrou para os livros de História com uma imagem tão ultrajante quanto a de seu filho, por ter sido talvez o mais devasso e assassino de todos os papas, o homem que lidera a longa lista daquelas que mais macularam o nome e a imagem do papado”.

⁶ O duque Valentino nasceu em 1475 ou 1476. No ano em que Cesare completou 17 anos, seu pai Alexandre VI tornou-se papa. Antes disso, aos sete anos tornou-se Prebenda da Catedral de Valência, e um ano depois Protonotário Apostólico da cidade. Aos nove anos recebeu o título de Reitor de Gandia e Preboste de Albar e Jativa. Em seu décimo aniversário tornou-se tesoureiro de Categena. O filho de Rodrigo Borgia estudou teologia na Universidade de Pisa e aos 18 anos tornou-se cardeal. Dentro de uma lista de inúmeros crimes, destaca-se a suspeita do assassinato do irmão Giovanni. Alguns historiadores defendem que a causa do assassinato tenha sido por ciúmes do poder que o irmão vinha ganhando, enquanto outra ideia refere-se a ciúmes sexuais relacionados à sua irmã Lucrecia, de 13 anos (2007, p. 97-98).

⁷ Em meio à missão na corte francesa, faleceu subitamente sua irmã Primavera, aos 35 anos (WHITE, 2007, p. 84).

der, enquanto Salústio à glória, honra e poder, sendo honra ou glória o maior de todos. Uma das questões centrais trazida pelos escritores clássicos era de como persuadir a Fortuna a olhar na direção desejada e a derramar sobre ela sua cornucópia. A resposta seria que, sendo Fortuna uma deusa e, portanto, uma mulher, deixaria se atrair pela *vir*; o homem verdadeiramente varonil. De maneira geral, a deusa Fortuna recompensaria a coragem viril, o homem com a posse da *virtus* em seu mais alto grau (1988, p. 46).

A segunda perspectiva surge com o triunfo do cristianismo, quando a perspectiva clássica é abandonada. Em seu lugar surge uma noção que nega a influência de qualquer um sobre a Fortuna, considerado-a um “poder cego”. Mais do que isso, por sua indiferença aos méritos humanos, buscar seus bens passou a ser algo completamente indigno, afastando quem o faz dos caminhos da glória divina. Nesse contexto, Fortuna transforma-se em uma agente da providência divina, pois Deus teria colocado o controle dos bens mundanos em suas mãos displicentes justamente para ensinar que a felicidade não está nas coisas fortuitas desta vida mortal (SKINNER, 1988, p. 47).

Com o Renascimento e a recuperação dos valores clássicos, a perspectiva muda novamente, desta vez com relação à liberdade e ao livre arbítrio. A liberdade do homem estaria ameaçada ao se conceber a Fortuna como força inexorável, fazendo os humanistas italianos do século XV resgatarem a imagem clássica da deusa Fortuna, aquela que favorecia os bravos (1988, p. 49). Maquiavel nitidamente assume essa última perspectiva, evidenciando-a em *O Príncipe*, capítulo XXV, quando escreve que “para que nosso livre arbítrio não seja completamente anulado, julgo que a sorte possa determinar a metade de nossas ações, mas que até ela nos permite governar a outra metade” (1996, p. 145). E retomando a pergunta já feita pelos moralistas clássicos – de como fazer a Fortuna sorrir para nós – responde seguindo os termos antes utilizados: “ela é amiga” dos bravos, daqueles que são “menos cautos”, mais cheios de ânimo (SKINNER, 1988, p. 50). Portanto, Maquiavel segue a ideia de que o *vir*, de fato, atrai a atenção da Fortuna, favorecendo a conquista da honra, glória e fama. Segundo Skinner, com frequência se afirma que Maquiavel não apresenta uma definição de *virtu*, embora acredite que fica clara a utilização do termo seguindo a ideia clássica humanista, referindo-se à “qualidade que permite a um príncipe resistir aos golpes da Fortuna, atrair o favor da deusa e, em consequência, elevar-se aos píncaros da fama que lhe cabe enquanto príncipe, conquistando honra e glória para si e segurança para o seu governo” (1988, p. 59).

Skinner adentra ainda mais na temática da *vir* ao resgatar as características particulares que se deve esperar de um homem virtuoso. Novamente partindo dos moralistas romanos, o autor traz a noção de “virtuoso” como aquele possuidor de três séries de qualidades: (1) as chamadas de quatro virtudes “cardeais” (sabedoria, justiça, coragem e temperança); (2) honradez (qualidade principesca), lidando de maneira honrosa em todas as circunstâncias; (3) magnanimidade e (4) liberalidade. Segundo o mesmo autor, tais preceitos foram adotados integralmente pela maioria daqueles que escreviam livros de conselhos aos príncipes renascentistas, concordando que a conduta racional de um príncipe deveria seguir sempre a conduta moral. Entretanto, nesse aspecto, Maquiavel se distancia dos moralistas romanos, evidenciando em *O Príncipe* que nem sempre considera racional ser moral (1988, p. 63). No capítulo XV, Maquiavel escreve: “Pois o homem que queira professar o bem por toda parte é natural que se arruine entre tantos que não são bons. Para um príncipe é necessário, querendo se manter, aprender a poder ser bom e usar isso, conforme precisar” (1996, p. 91-92).

Grosso modo, Maquiavel resgata a visão de *virtu* como um conjunto de qualidades que possibilita um príncipe aliar-se à Fortuna em busca de honra, glória e fama; em contrapartida, nega a ideia de virtuosidade com características cardeais ou principescas, enaltecendo ações que variam de acordo com as circunstâncias (SKINNER, 1988, p. 65). No capítulo VII de *O Príncipe*, antes de descrever longamente acerca dos acontecimentos envolvendo o duque Valentino, Maquiavel versa: “Não me parece supérfluo discorrer sobre isso, pois não saberia quais preceitos melhores a dar a um príncipe novo, fora o exemplo destes atos” (1996, p. 45). Embora seja possível discordar de muitos autores que acreditam que Cesare Borgia seria o modelo de príncipe para Maquiavel,

também não parece correta a afirmação de Mattingly de que estava claro a Maquiavel que o filho do papa era incompetente e um “fracasso miserável”. Por meio das referências elogiosas feitas em *O Príncipe*, bem como em trechos de cartas por ele enviadas ao governo florentino, sobretudo enquanto estava na corte do próprio Borgia, é plausível afirmar que Maquiavel considerava o duque Valentino – apesar das suas limitações – virtuoso e afortunado nos moldes descritos acima, destacando, sobretudo, o episódio envolvendo seu comandante Remirro de Orco. Porém, antes de apresentar tal episódio, vale discutir alguns acontecimentos anteriores que levaram Maquiavel à presença de Cesare.

5. O encontro de Maquiavel com o duque Valentino

Apesar de Luiz XII ter impedido o ataque de Cesare Borgia, os florentinos sabiam que não estavam definitivamente a salvo. O maior exemplo disso se deu no verão de 1501, quando o duque Valentino posicionou suas tropas na cidade de Campi, próxima a Florença. Novamente o ataque não ocorreu devido à interferência francesa em troca de uma grande quantia de dinheiro. Há divergências entre os autores no que tange à primeira viagem de Maquiavel ao encontro do duque. Segundo White (2007, p. 102), “em junho de 1502, a República decidiu tentar alguma forma de negociação por sua própria conta, arranjando um encontro entre o duque Valentino e o mais confiável de seus emissários, Nicolau Maquiavel”. Viroli, em contrapartida, afirma que “para acertar as contas com Florença, o duque solicitou à Senhoria o envio de dois emissários competentes para tratar de assuntos importantes” (2002, p. 73). Ambos os biógrafos concordam, porém, que o encontro dos emissários florentinos Maquiavel e Francesco Soderini⁸ com o duque se deu em Urbino, território recém-conquistado, em um clima carregado de tensão. No encontro, Borgia deixou claras as suas exigências para apoiar Florença: dinheiro e a reinstalação do governo dos Médici, tendo em vista que Piero estava trabalhando para o duque desde que fora exilado e, portanto, seria fácil controlá-lo. Recolocar os Médici no poder fazia parte de um plano maior: formar alianças com Estados italianos, dentre eles Florença, e acabar com a interferência da França. Após o primeiro encontro, os emissários enviaram uma carta ao governo de Florença. Para White (2007, p. 104), a carta fora enviada por Maquiavel, enquanto Viroli (2002, p. 74) afirma que, apesar de assinada por Soderini, a carta tinha o “estilo e as palavras” de Maquiavel. O conteúdo desta carta é de suma importância, pois Nicolau descreve o homem que acabara de conhecer como:

(...) esplêndido e magnífico, e tão vigoroso em questões militares, que não há empreendimento grande o bastante que não pareça para ele coisa menor. Ele nunca cessa de procurar a glória ou ampliar seu Estado, e não teme nenhum esforço ou perigo: ele chega a um lugar antes que se perceba que saiu de outro; seus soldados o amam; ele recrutou os melhores homens da Itália: e tudo isso o faz vitorioso e formidável, ao que devemos agregar que é perpetuamente afortunado (WHITE, 2007, p. 104).

Na segunda reunião Cesare Borgia enviou dois de seus ajudantes mais confiáveis, Giulio e Paolo Orsini. Como no primeiro encontro os emissários florentinos blefaram exagerando quanto à amizade de Florença para com o rei Luiz, no segundo os ajudantes do duque responderam ao blefe, garantindo que o rei francês nada faria, caso Florença sofresse um ataque. Por fim, na terceira reunião, Borgia novamente se fez presente, nitidamente irritado e frustrado com a posição defensiva de Florença. Naquele momento exigiu o pagamento de um tributo no prazo de quatro dias, caso contrário,

⁸ Irmão do futuro golfaloneiro de Florença, Piero Soderini.

garantiu atacar Florença. Maquiavel retornou imediatamente para avisar das ameaças de Borgia. Novamente o governo florentino foi obrigado a pedir ajuda aos franceses, que, em troca de dinheiro, seguraram mais uma vez o ímpeto do filho do papa Alexandre.

Maquiavel regressou à corte de Cesare Borgia em 1502, desta vez em Ímola e Forli. Segundo White (2007, p. 109), lá encontrara o duque bastante mudado, com uma postura conciliatória e paciente (nas palavras de Viroli, fora recebido amavelmente (2002, p. 79)). “Ele parecia mais relaxado, revitalizado pelas discussões bem sucedidas que travara com Luiz⁹” (WHITE, 2007, p. 109). A missão de Maquiavel tinha dois objetivos: dar continuidade às discussões iniciadas na primeira visita e, principalmente, controlar os passos de Cesare Borgia, que naquele momento estava concentrado em se defender de uma conspiração¹⁰.

A missão na corte durou três meses e quase no final – em 26 de dezembro – Maquiavel presenciou o que mais tarde classificaria como uma ação a ser “imitada” no capítulo VII de *O Príncipe* (1996, p. 47). Desde a ocupação da Romagna pelo duque em 1500, seu braço direito, Remirro de Orco, controlava a região com plenos poderes. Segundo a descrição presente em *O Príncipe*:

(...) em pouco tempo, tornou-a pacífica e unida, conquistando ótima reputação. Depois, julgou o duque não ser necessária uma autoridade tão forte, pois acreditava ser que tornaria odiosa. (...) Por saber que os rigores passados haviam gerado alguns ódios, para purgar a alma do povo e conquistá-lo inteiramente, quis demonstrar que se houvera alguma crueldade, não era de responsabilidade sua, mas da personalidade acerba do ministro (MAQUIAVEL, 1996, p. 48).

Na manhã daquele dia, o corpo de Remirro de Orco (citado por Viroli como Ramiro de Lorqua (2002, p. 84), foi encontrado retalhado em dois em plena praça pública. Ao lado do corpo, uma cunha e uma faca ensanguentada.

No capítulo XIX de *O Príncipe*, Maquiavel afirma que o príncipe deve “fugir das coisas que o tornem odioso e desprezível”, e acrescenta que “devem deixar que outros administrem as decisões impopulares, mantendo para si os atos de graça” (1996, p. 112-113). Nitidamente a ação de Borgia foi ao encontro das ideias de Nicolau, pois, apesar de possuir uma fama de cruel, naquele momento Borgia deixou o povo “gratificado e petrificado de admiração e temor”, ao mesmo tempo em que eliminou a “causa de ódio” que lhe poderiam votar (1988, p. 68).

Esta e outras ações do duque foram estudadas em profundidade por Maquiavel, que o considerava quase paranoico em relação à importância do sigilo, bem como usava muito bem a desinformação para ludibriar aqueles que tentavam adivinhar seus movimentos. Nicolau observou também que todas as conquistas do duque foram feitas através de logros e da tomada de consciência das fraquezas daqueles que estavam ao seu

⁹ Segundo White (2007, p. 107), apesar de feliz por aceitar o dinheiro florentino, Luiz ficou “furioso com a ameaçadora megalomania do duque”. Borgia, ciente disso, viajou para Milão em 5 de agosto para encontrar o rei francês com o “intento de reparar as rachaduras que se abriu” entre eles.

¹⁰ Para White (2007, p. 108), a conspiração teria nascido após o encontro entre o duque e o rei da França. O fato de o filho do papa ter sido recebido com honrarias em Milão confundiu seus próprios subcomandantes, levando quatro deles – os irmãos Orsini, Vitellozzo Vitelli e Giampaolo Baglioni – a romperem com Borgia. Viroli (2002, p. 80) acrescenta que poucos dias após, os irmãos Orsini, Vitellozzo Vitelli, Oliverotto Eufreducci de Fermo, Giampaolo Baglioni, Ottaviano Fregoso e Antonio de Venafro se reuniram no castelo de Magione para preparar um plano comum contra Borgia. Apesar de contar com cerca de nove mil soldados e mil cavaleiros, a incompetência e a insegurança existente entre eles fizeram com que Cesare escapasse ileso. Enquanto Cesare Borgia viajava entre Fano e Sinigaglia, enviou um mensageiro dizendo do interesse pela paz com seus antigos colegas. Convencidos da boa intenção de Cesare, aceitaram encontrá-lo na estrada entre as duas cidades. Lá chegando foram presos e estrangulados pelos homens do duque.

redor (WHITE, 2007, p. 110-111). Logo que retornou da última viagem à corte de Borgia, Maquiavel contou detalhadamente o que viu a Piero Soderini e a seus colegas. Segundo White (2007, p. 119), “dessa contemplação surgiu um primeiro rascunho para *O Príncipe*, um relato detalhado dos acontecimentos intitulado *Descrição do método usado pelo duque Valentino para matar Vitellozzo Vitelli...*”.

6. A mudança na Fortuna do duque Valentino

No capítulo VII de *O Príncipe*, quando discute os principados novos conquistados com armas e fortuna de outros, Maquiavel refere-se a Cesare Borgia como o príncipe que obteve um estado com a sorte de outrem, no caso, seu pai Alexandre. Em grande parte deste capítulo, Maquiavel descreve as ações do duque Valentino, concluindo que, mesmo perdendo o que conquistou, fez tudo o que um “homem prudente e de valor deve fazer para criar raízes em um estado que as armas e a sorte de outros tenham lhe concedido (1996, p. 44). Acrescenta ainda que, “se suas iniciativas não deram fruto, não foi por culpa dele, mas de um extraordinário e extremo azar” (1996, p. 45).

Após retornar da corte de Borgia, Maquiavel presenciou importantes mudanças na constituição de Florença, muitas delas visando corrigir deficiências do sistema, como falta de competência e continuidade no governo da cidade. Em 10 de setembro criou-se o cargo de gonfaloneiro perpétuo, seguindo o modelo veneziano. Nesse contexto, assumiu o cargo Piero Soderini – irmão de Francesco Soderini, amigo de Maquiavel que viajara com ela à corte de Cesare. No mesmo momento em que Maquiavel via sua carreira ascender com a entrada de Piero, Cesare Borgia “via” a deusa Fortuna virando-lhe a face. No dia 10 de agosto, durante um jantar em Roma, o papa Alexandre VI, numa tentativa de envenenar um dos de seus opositores políticos – o cardeal Adriano di Corneto – comete um erro e acaba por envenenar a si e a seu filho. Enquanto White (2007, p. 120) descreve esse fato como o causador da morte do papa após sete dias, Viroli (2002, p. 94) restringe-se a dizer que em 18 de agosto de 1503 o papa Alexandre morreu de febre terçã. Viroli também não faz nenhuma menção ao conclave que elegeu o cardeal Francesco Piccolomini. Para White (2002, p. 120), com a morte de Alexandre surgiram três possíveis candidatos ao papado: Georges d’Amboise, Giuliano della Rovere e Ascanio Sforza. Surpreendentemente o Colégio optou pelo nome do doente cardeal Piccolomini, um candidato conciliador, que assumiu como Pio III e faleceu dez dias após a posse.

Apesar de Maquiavel estar pronto para partir quando soube da morte de Alexandre VI, o governo florentino optou por não enviar emissários ao Vaticano. Contudo, com a morte de Pio III, Maquiavel foi enviado. No dia 24 de outubro já viajava para acompanhar a eleição do novo papa. Segundo Viroli (2002, p. 94-95), ao chegar, Nicolau encontrou o duque Valentino “cheio de vivacidade e de esperanças para realizar grandes feitos”, pois, apesar de ter perdido cidades importantes, controlava muitos cardeais espanhóis e contava com muitos votos no conclave. Já White (2007, p. 122) afirma que Maquiavel ficou chocado com as mudanças que vira no caráter de Cesare, talvez pela primeira vez na vida ele se tornara indeciso e irresoluto. Foi nesse contexto, surpreendendo a todos, que o duque apoiou o cardeal Giuliano della Rovere, “um homem que sempre fora avesso aos Borgia, sujeito rancoroso que havia sido injustamente tratado por Cesare e Alexandre em numerosas ocasiões”. O cardeal Rovere foi eleito papa no dia 31 de outubro, assumindo o nome de Júlio II. Estranhamente Cesare Borgia, conhecido por não manter a palavra dada, colocou seu destino nas mãos de um homem que sabia ser inimigo da família e confiou em sua palavra. Maquiavel escreveu que o duque “parecia estar desorientado, confuso, e era facilmente abusado e manipulado pelo novo papa”. “Os negócios do duque sofreram mil mudanças (...) e é verdade que têm ido continuamente de mal a pior” (WHITE, 2007, p. 123).

Nos últimos dias de novembro, Borgia escapou de Roma enquanto os crimes dele e de seu pai vinham à tona. “(...) Por toda Europa nobres depostos, chefes da igreja,

vítimas vingativas e íntegros líderes clamavam para que ele fosse preso e escalpelado ainda vivo” (2007, p. 124). Cesare Borgia foi preso e levado acorrentado para as prisões do Vaticano. Uma das versões de sua morte aponta para um assassinato cometido por bandoleiros em 1507, na estrada, a caminho do exílio.

7. Conclusão

O britânico Michael White, que muito contribui no presente artigo, escrevendo um capítulo dedicado exclusivamente à obra *O Príncipe*, afirma que “é universalmente aceito que Maquiavel usou Cesare Borgia, o duque Valentino, como modelo de príncipe ideal, e ao longo de seu tratado faz tanto referências oblíquas quanto óbvias ao homem que lhe inspira o conceito de ‘governante perfeito’” (2007, p. 242). Conforme se observou ainda na introdução com a obra de Berlin (2002), a grande maioria das generalizações envolvendo o nome de Nicolau Maquiavel pode incorrer em erro, e esta não é uma exceção. Conforme observado nas obras de Maquiavel, particularmente em *O Príncipe*, as ideias do autor foram e são interpretadas de inúmeras e, muitas vezes, contrárias formas. O presente artigo, ao discutir conceitos da obra tendo como base a figura de Cesare Borgia, não pode abster-se de alguns pressupostos. O primeiro deles é de que, embora seja difícil afirmar que Cesare Borgia seja o grande exemplo de Príncipe, parece claro que Maquiavel nutria por ele uma grande admiração.

Em sua obra, com cerca de 30 mil palavras e 26 pequenos capítulos, Maquiavel faz inúmeras referências a Cesare Borgia. No capítulo VII – onde estão as primeiras citações – Maquiavel dedica um longo trecho para descrever o duque Valentino como um “exemplo de príncipe novo”, destacando, sobretudo, o episódio do assassinato de Remirro de Orco, classificando tal ação como “digna de ser imitada”. Mesmo no final da descrição, ao se referir à queda do duque, trata o acontecimento como um “erro” ou uma “escolha ruim”, aliás, a única na opinião de Nicolau. Nos capítulos VIII, XI, XX, Nicolau traz referências indiretas a Borgia, enquanto menciona outros governantes. Já no capítulo XII, novamente apresenta Cesare como um “exemplo”, desta vez referindo-se à escolha dos exércitos, e, finalmente, no capítulo XVII, como um príncipe clemente, referindo-se ao caso da invasão de Romagna por parte do duque (em comparação às ações de Florença no incidente envolvendo a Pistoia).

Portanto, diante de tantas controvérsias, e da dificuldade de se posicionar sem parecer um mero palpite, com o presente artigo – baseado em biografias, na obra do próprio autor e de comentadores – busca-se fortalecer a ideia do papel destacado de Cesare Borgia na vida e na obra de Maquiavel como um príncipe virtuoso e afortunado, concordando com Viroli, quando afirma que “o acaso se divertia em colocar frente a frente um príncipe, mestre nas artes da simulação e habilíssimo tanto no uso das armas quanto nas palavras, e um observador de assuntos políticos que, melhor que ninguém, sabia ver através das máscaras, recolher a verdade das coisas por meio de um movimento mínimo da face ou de uma frase dita ao acaso (WHITE, 2002, p. 79). Embora tal afirmação contrarie importantes autores, acredita-se possível mantê-la, mesmo porque, quase sempre, concluir qualquer coisa sobre Maquiavel é contrariar alguém.

8. Bibliografia

BERLIN, Isaiah, “A originalidade de Maquiavel”, in: *Estudos sobre a humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

WHITE, M. *Maquiavel: um homem incompreendido*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VIROLI, M. *O sorriso de Nicolau: história de Maquiavel*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SKINNER, Q. *Maquiavel*. São Paulo: Brasiliense, 1988.